

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA: REFLEXÕES SOBRE ENSINO/APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Suzelaine Schwab Geraldo (suzy_schwab@hotmail.com)

Aparecida De Jesus Ferreira (aparecidadejesusferreira@gmail.com)

RESUMO – O presente trabalho é fruto das reflexões abordadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Identidades Sociais (GEPLIS), no qual os integrantes socializam e discutem questões de formação de professor de língua inglesa, identidades e identidades sociais (raça, gênero e sexualidade). A expansão da língua inglesa pelo mundo tem trazido à tona muitas reflexões e discussões sobre o novo estatuto do idioma: Inglês como Língua Franca. De acordo com Calvo e El Kadri (2011, p. 17) “o estatuto emergente do Inglês como Língua Franca global (ILF) nos possibilita um novo olhar no trato desta língua no século XXI, questionando principalmente as concepções tradicionais de seu ensino”. Busca-se com esta pesquisa refletir sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa sob a perspectiva de Inglês como Língua Franca. O presente trabalho tem como embasamento teórico para discutir a questão de ILF, Seidhofer (2005); Calvo, El Kadri (2011); El Kadri (2011); Siqueira (2011); Rajagopalan (2011) e Barros, Siqueira, (2013). A metodologia norteadora da pesquisa será interpretativista de natureza qualitativa, baseando-se em Celani (2005) e Bortoni-Ricardo (2008) pois o objetivo da pesquisa é realizar uma reflexão a respeito do tema. Espera-se com este trabalho contribuir com as pesquisas sobre o ILF e compreender quais as implicações que este estatuto do inglês tem para o ensino.

PALAVRAS-CHAVE – Inglês como Língua Franca. World English. Ensino/Aprendizagem.

Introdução

O presente trabalho, parte integrante do projeto Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Identidades Sociais (GEPLIS), no qual os integrantes socializam e discutem questões de formação de professor de língua inglesa, identidades e identidades sociais (raça, gênero e sexualidade) desenvolvido na Universidade Estadual de Ponta Grossa sob a coordenação da Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira, tem como objetivo entender como professores e alunos consideram os Ingleses falados em países que não tem o inglês como primeira língua. Neste trabalho trazemos em primeiro lugar os objetivos, em segundo lugar o referencial teórico e metodológico, os resultados e considerações finais.

Objetivos

Os objetivos dessa pesquisa são refletir sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa e seu estatuto de Inglês como Língua Franca no ambiente escolar, pensando em qual podem ser suas implicações para o ensino de língua inglesa.

Referencial teórico-metodológico

Para abordar sobre o Inglês como Língua Franca primeiro precisamos definir como a nomenclatura é utilizada, e para Seidlhofer (2005, p. 339) “o termo Inglês como Língua Franca (ILF) emergiu como uma maneira de referir-se à comunicação em inglês entre falantes com primeiras línguas diferentes”. Pois há muito mais falantes de inglês não-nativos do que nativos e a comunicação acontece muitas vezes entre falantes não-nativos (SEIDLHOFER, 2005). De acordo com Barros e Siqueira (2013, p. 5) “já é plausível se afirmar que a maioria das interações que atualmente ocorrem em língua inglesa se dão entre falantes não-nativos, exatamente na função de língua Franca” e isso traz implicações ao ensino de língua inglesa.

É importante refletir sobre essas questões com professores e com alunos, conhecer suas perspectivas sobre o assunto, pois não existe apenas a variedade de inglês americano ou britânico, e parece haver uma necessidade de mostrar isso aos alunos. De acordo com Rajagopalan

Fora do mundo acadêmico, pouca gente ouviu falar de “World English”. Mesmo nesta esfera, excluindo-se um pequeno grupo de linguistas – ou melhor, linguistas aplicados que lidam diretamente com a expansão desenfreada da língua inglesa no cenário mundial e suas implicações, poucos estão familiarizados com o neologismo “World English”. Mesmo nesse referido grupo bastante reduzido, apenas uma pequena minoria não se sente perplexa ou um pouco incomodada ao ouvi-lo. Com certeza, apenas um subgrupo ainda menor tem uma ideia mais ou menos clara do que se trata. (RAJAGOPALAN, 2011, p. 45)

Na fala de Rajagopalan é importante perceber que ele utiliza o termo “World English” (WE), esse termo também pode ser observado em Rocha e Silva (2011). Outros autores como Calvo e Kadri (2011); El Kadri (2011); Pederson (2011) e Siqueira (2011), entre outros discutem Inglês como Língua Franca (ILF). Também há o termo Inglês como Língua Internacional (ILI) que é utilizado por Jordão (2011).

Após leituras e reflexões acerca do tema ILF e World Englishes (SEIDLHOFER, 2005; EL KADRI, 2011; RAJAGOPALAN, 2011; SIQUEIRA, 2011; BARROS e SIQUEIRA, 2013), busca-se com esta pesquisa refletir sobre quais estratégias poderiam

possibilitar que o tema ILF possa ser trabalhado em sala de aula com os alunos e compreender como professores e alunos consideram os ingleses falados em países que não tem inglês como primeira língua.

A pesquisa feita por Kalva (2011), em um curso de extensão de Línguas Estrangeiras voltado para a comunidade, oferecido por uma universidade do Sul do Brasil em que os acadêmicos ministram as aulas, teve como objetivo geral verificar como professores e alunos de língua inglesa se veem dentro do contexto em que a identidade nacional é expressa através da língua e como ocorre a construção da identidade do aprendiz em um contexto de Inglês como Língua Franca. A metodologia utilizada foi predominantemente qualitativa e foi realizado um estudo de caso com bases etnográficas.

A pesquisa demonstra que há uma certa dualidade em relação ao sentimento de identidade nacional, pois em alguns momentos nas falas dos participantes da pesquisa é possível perceber que mesmo criticando os estereótipos presentes no livro didático utilizado, os professores gostam do livro, e os alunos ainda parecem acreditar que o professor nativo é melhor do que um professor brasileiro, porque poderia trazer mais questões relacionadas a cultura do que um professor que morou no exterior por apenas alguns anos.

A metodologia norteadora dessa pesquisa será interpretativista de natureza qualitativa uma vez que busca-se entender como um grupo de pessoas, alunos e professores, entendem a questão dos ingleses falados no mundo, especificamente, quando o inglês não é a primeira língua desses países. De acordo com Celani (2005, p. 109) “A construção dos significados é feita pelo pesquisador e pelos participantes, em negociações. Portanto, os “sujeitos” passam a ser participantes, parceiros”. Nessa perspectiva Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) também afirma que “O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

Resultados

O trabalho encontra-se no momento em fase de revisão de literatura. A partir das reflexões e leituras realizadas dos textos de autores que discutem a questão “da expansão desenfreada da língua inglesa no cenário mundial” (RAJAGOPALAN, 2011, p. 45) parecem haver cada vez mais discussões sobre o tema, como afirmam Calvo e El Kadri

Salientamos, primeiramente, o fato de que discussões envolvendo o inglês como língua franca estão cada vez mais presentes na programação de eventos/congressos e suas publicações nos respectivos anais (XIX CELLIP, II Congresso Internacional da

ABRAPUI, CLAFPL 2010, Seminário de Linguística Aplicada – UFBA 2010, entre outros). Tal fato mostra que este é um foco relevante para pesquisa e vem ganhando cada vez mais espaço dentro do escopo da Linguística Aplicada. Notamos também que estas reflexões estão se aproximando cada vez mais do contexto de ensino-aprendizagem da língua e da formação docente inicial. (CALVO; EL KADRI, 2011, p. 39)

Essas reflexões se mostram importantes, pois é através de discussões e reflexões acerca do tema que professores e alunos vão construindo suas opiniões a respeito desse assunto, já que esse é um fenômeno mundial e faz parte das nossas realidades atualmente, parece ser relevante que os alunos também possam refletir acerca do Inglês como Língua Franca.

Considerações Finais

Espera-se com esta pesquisa contribuir com estudos sobre ILF e pesquisar lacunas e avanços nessa área, assim como Calvo e El Kadri que afirmam que

Discussões mais ampliadas e exemplificações de como trabalhar ou abordar aspectos culturais, principalmente em relação à competência intercultural, nas aulas de língua inglesa sejam necessárias frente a este novo estatuto da língua. Outro aspecto que precisa ser mais explorado refere-se ao tratamento da perspectiva do ILF em termos práticos, ou seja, que procedimentos educacionais são necessários adotar em sala de aula para que haja o reconhecimento desta perspectiva. (CALVO; EL KADRI, 2011, p. 38)

O tema de investigação da pesquisa ainda está em andamento, por isso ainda não é possível ter conclusões a respeito. Porém, através das leituras realizadas dos diversos autores que discutem esse assunto, já é possível constatar a relevância e a necessidade de discutir este novo estatuto da língua inglesa no mundo.

Referências

BARROS, Kelly Santos. SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. Por um ensino intercultural de inglês como língua franca. **Estudos linguísticos e literários**, v. 5, n. 48, p. 5-39. Jul- dez. 2013. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14536>. Acesso em 10 abr. 2016.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CALVO, Luciana Cabrini Simões. EL KADRI, Michele Salles. Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços. In: GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões. EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.) Inglês como língua franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

CELANI, Maria Antonieta. Questões de ética na pesquisa em Lingüística aplicada. **Linguagem & Ensino**, v.8, n.1, p.101-122. 2005. Disponível em <http://rle.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/viewFile/198/165>. Acesso em 10 abr. 2016.

EL KADRI, Michele Salles. Inglês como língua franca: atitudes de formadores de professores. In: GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões. EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.) **Inglês como língua franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PEDERSON, Margaret. English as a lingua franca, world englishes and cultural awareness in the classroom: a north american perspective. In: GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões. EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.) **Inglês como língua franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O “World English” – um fenômeno muito mal compreendido. GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões. EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.) **Inglês como língua franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SIQUEIRA, Sávio. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões. EL KADRI, Michele Salles. (Orgs.) **Inglês como língua franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SEIDLHOFER, Barbara. Key concepts in ELT: English as a Lingua Franca. **ELT Journal**, v. 59 n.4, p. 339-341. Oct. 2005. Disponível em <http://eltj.oxfordjournals.org/content/59/4/339.full.pdf>. Acesso em 10 abr. 2016.